



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

SILMARA DAS NEVES ALVES

**A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS FACILITADORAS NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**GUARABIRA
2022**

SILMARA DAS NEVES ALVES

A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS FACILITADORAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura plena em Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês.

Área de concentração: Metodologia do Ensino da Língua Inglesa.

Orientador: Profa. Ma. Marcela Henrique de Freitas

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474u Alves, Silmara das Neves.

A utilização de metodologias facilitadoras no processo de ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira [manuscrito] / Silmara Das Neves Alves. - 2022.

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Marcela Henrique de Freitas ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Metodologias. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Inglês. 4.
Escola. I. Título

21. ed. CDD 420

SILMARA DAS NEVES ALVES

A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS FACILITADORAS NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do Curso
de Licenciatura plena em Letras Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras Inglês.

Área de concentração: Metodologia do
Ensino da Língua Inglesa.

Aprovada em: 11/07/2022.

BANCA EXAMINADORA

MHE

Profa. Ma. Marcela Henrique de Freitas (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jackson Cícero Franca Barbosa

Prof. Dr. Jackson Cícero Franca Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

William Sampaio Lima de Sousa

Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, que sempre me apoiou e cuidou de mim durante a graduação e as/aos professoras/es que lutam diariamente para transformar vidas através do ensino, DEDICO.

“Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto às indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 21).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal do Nível Superior

LE Língua Estrangeira

PRP Programa de Residência Pedagógica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DIFICULDADES NO ENSINO DE LE	15
2.1	Métodos do Ensino de Inglês	17
2.1.1	<i>Método de gramática e Tradução</i>	18
2.1.2	<i>Método direto</i>	19
2.1.3	<i>Abordagem oral</i>	20
2.1.4	Método audiolingual	20
2.2	Ensino de LE e a questão da autonomia	21
2.3	Ambiente de Ensino e acolhimento	22
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
4	CONCLUSÃO	26
	REFERÊNCIAS	27

A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS FACILITADORAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

THE USE OF FACILITATOR METHODOLOGIES IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS OF ENGLISH AS A FOREIGN LANGUAGE

Silmara das Neves Alves*

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido a partir de experiências adquiridas no Programa de Residência Pedagógica (PRP) no decorrer da pesquisa é proposto que seja refletido sobre a utilização dos métodos de ensino como facilitadores no processo da aquisição de uma nova língua. O objetivo geral deste estudo é analisar as principais dificuldades enfrentadas no processo de ensino-aprendizagem de Inglês como LE nas escolas. Temos como objetivos específicos: 1) relatar a importância da língua e metodologia como facilitadoras na aquisição da língua inglesa; 2) discutir as dificuldades dos alunos de Inglês nas escolas e 3) debater sobre a importância de desenvolver a curiosidade e autonomia do aluno. A metodologia utilizada se caracteriza como uma pesquisa de levantamento bibliográfico, de caráter exploratório e com uma abordagem qualitativa, observando os diferentes pontos de vista que influenciam o ensino-aprendizagem de Inglês como LE nas escolas. Como aporte teórico foram utilizados os seguintes autores: Oliveira (2014), Leffa (1999/2009), Lima (2009), Paiva (2005), Tamura (2006), Nunan (2015), Freire (1996/1987), Harmer (2007), dentre outros que abordam temáticas relacionadas ao ensino de línguas. Os resultados demonstram a relevância de englobar diferentes metodologias, na medida que existem diferentes realidades presentes nas escolas. Portanto, debater sobre a importância de facilitar a aprendizagem e desenvolver a autonomia do aluno, é uma forma de abrir caminhos para o incentivo do aprendizado de Inglês como LE.

Palavras-chave: Metodologias. Ensino-aprendizagem. Inglês. Escola.

ABSTRACT

This work is developed from experiences acquired in the Pedagogical Residency Program (PRP). Throughout the research it is proposed a reflection about the use of teaching methods as facilitators in a new language acquisition process. The general purpose of this study is to analyze the main difficulties faced in the process of teaching-learning of English as a Foreign Language (FL) in schools; as specific goals we intend 1) to report the importance of language and methodology as facilitators in the acquisition of the English language; 2) to discuss students' difficulties in appreciating English at schools; and 3) to debate about the importance of developing student's curiosity and autonomy. The methodology used is characterized as a bibliographic and exploratory research, with qualitative approach, considering the different viewpoints that influence the process of teaching-learning English as a FL in schools. As theoretical contribution we used the following authors: Oliveira (2014),

* Graduanda em Letras Inglês – UEPB silmara.alves@aluno.uepb.edu.br

Leffa (1999; 2009), Lima (2009), Paiva (2005), Tamura (2006), Nunan (2015), Freire (1987; 1996), Harmer (2007), among others who approach themes connected to language teaching. The results show the relevance of encompassing different methodologies, since there are different realities present at schools. Therefore, debating about the importance of facilitating learning and developing students' autonomy is a way of opening paths to encourage the learning of English as FL.

Keywords: Methodologies. Teaching. Learning. English. School.

1 INTRODUÇÃO

A partir de uma experiência vivenciada no contexto escolar, dentro do Programa de Residência Pedagógica (PRP) instituído pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal do Nível Superior (CAPES) (2020-2022) foi possível observar as dificuldades dos alunos na aprendizagem da Língua Inglesa e, do mesmo modo, também observamos que a implantação de metodologias é um trabalho árduo a ser desenvolvido pelos professores com os estudantes das escolas. Desde então, se faz necessário que haja o incentivo e aprimoramento das habilidades de cada aluno no decorrer de sua vida estudantil.

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) é um trabalho desenvolvido através da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal do Nível Superior (CAPES) que auxilia graduandos dos cursos de licenciatura no seu processo de formação inicial como professores, o qual estudantes de graduação juntamente de um(a) preceptor(a) são destinados a vivenciarem experiências com o ensino de Inglês dentro de sala de aula. A partir da experiência dentro do PRP durante 2 anos (2020-2022), encontramos caminhos para a realização dessa pesquisa, pois o contato direto com as aulas e a turma de 3º ano do Ensino Médio possibilitou uma abertura à investigação de como as diferentes metodologias de ensino de línguas poderiam ser aplicadas na realidade do processo de ensino-aprendizagem de Inglês como LE.

Por conseguinte, levaremos adiante que as propostas a serem exploradas no decorrer do trabalho devem colaborar para o despertar da autonomia do aluno e de sua curiosidade em buscar aprender uma Língua Estrangeira (LE) dentro ou fora da sala de aula. Facilitar o processo de ensino-aprendizagem de Inglês como LE é um dos pontos importantes que podem ser oportunizados no âmbito escolar, principalmente quando se trata do ensino de Inglês no Brasil, pois “os fatores que determinam o perfil do profissional de línguas dependem de ações, menos ou mais explícitas, conduzidas fora do ambiente estritamente acadêmico e que afetam o trabalho do professor” (LEFFA, 2001, p. 334). Desse modo, buscaremos enfatizar a importância de compreender as reais dificuldades do ensino de LE, enfatizando a maneira como o Inglês é trabalhado nas escolas.

A utilização dos métodos de ensino de Inglês como facilitadores para a aquisição de uma nova língua busca incentivar os alunos a compreenderem o Inglês sob uma nova perspectiva, considerando os principais benefícios para seu desenvolvimento pessoal e profissional. A partir da proposta de facilitar o aprendizado do Inglês como LE, discorreremos sobre como o ensino pode impactar e transformar a vida de um aluno como resultado desse processo.

Conforme aponta Oliveira (2014), na maioria das vezes, professores lecionam da mesma maneira durante anos por não terem conseguido a oportunidade de aprender a inovar e fazer diferente. Diógenes Lima (2009) questiona em seu livro *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversa com especialistas*, a importância de se formar profissionais preparados para o ensino de Inglês, pois, muito mais do que dominar a LE, é indispensável saber ensiná-la. Por outro lado, o conhecimento sobre métodos e abordagens torna-se inútil quando não vem acompanhado do conhecimento da língua-alvo.

Leffa (2001) afirma que a formação de um profissional competente e que possua conhecimento sobre língua e metodologia não é uma questão isolada, mas uma questão política que interfere na sala de aula e no aprendizado do aluno. Segundo a LDB (1996) uma língua estrangeira seria inserida como disciplina obrigatória escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda de maneira optativa

de acordo com as possibilidades da instituição. Considerando a questão legal voltada ao ensino, os parâmetros curriculares (1998) defendem que “nesse sentido, a escola deve ser local da aprendizagem de que as regras do espaço público democrático garantem a igualdade, do ponto de vista da cidadania, e ao mesmo tempo a diversidade, como direito” (BRASIL, 1998, p. 69). Contudo, Paiva (2005) reflete sobre as expectativas que são criadas acerca do conhecimento do professor, desconsiderando as relações de poder e incentivo ao desenvolvimento da autonomia de cada estudante. Em conformidade com a OCEM (2006) o objetivo das propostas pedagógicas é promover a expansão da compreensão de mundo, pois ensinam os alunos a entenderem as principais relações entre as disciplinas pedagógicas, assim sendo, as sugestões voltadas ao ensino de LE nas escolas vem sendo trabalhadas há um tempo, porém a implantação na prática ocorre de modo gradual.

Nessas perspectivas, e diante do problema apresentado — as diferentes formas de ensino utilizadas nas escolas — à medida que “ao ser introduzido num novo contexto, o conhecimento novo passa a ser recontextualizado, transformando-se e adequando-se a ele” (OCEM, 2006, p. 110). No entanto, observa-se a oportunidade de analisar a eficácia da implantação de um trabalho com métodos de ensino de Inglês, auxiliando os professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem desse idioma como LE e passando a utilizar formas de estimular os alunos a evoluírem no que concerne a autonomia.

A adoção de um único método de ensino de Inglês, não auxilia no entendimento e provoca desânimo no estudante, tendo em vista que a falta de inovação mostra uma zona de conforto por parte de algumas escolas, apresentando, cada vez mais, o desinteresse em incentivar o aprendiz a desenvolver sua curiosidade pelo idioma. Por isso, a falta de uma metodologia atrativa para o ensino de LE desconsidera quatro quesitos importantes que Oliveira (2014) aborda em seu livro *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*, são elas: “Por que ensinar?”; “Como ensinar?”; “Por que aprender?” e “Como aprender?”.

Nesse sentido, compreendemos que explorar a construção de um ambiente propício e que auxilie diretamente o aluno a gostar do idioma é incentivar o desenvolvimento da autonomia de cada estudante, buscando meios de facilitar a aprendizagem e fazemos coro com Freire (1996) quando ao afirmar que: “saber [...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 21). Consequentemente, observar a eficácia de pontos como esses levará os alunos a compreender que aprender Inglês é muito mais do que somente aprender uma segunda língua ou uma LE, é também desvendar novos horizontes e culturas possibilitando o acesso a novos caminhos e lugares.

Desenvolver temas voltados à autonomia e evolução da aprendizagem dos estudantes é auxiliar no crescimento profissional e pessoal do aluno e contribuir para a construção de saberes. Por isso, é imprescindível que os professores busquem capacitações para a melhoria das aulas, tornando-as mais assertivas, processo que vai desde a preparação do profissional até a sala de aula propriamente dita. A forma como a comunidade escolar demonstra preocupação com a formação do professor e o aprendizado do aluno se reflete no progresso dos estudantes, focando em criar um ambiente acolhedor para a formação de seres humanos.

Com a finalidade de compreender o processo de implantação do Inglês em sala de aula e apresentar diferentes opiniões sobre o seu ensino como LE nas escolas, discorreremos sobre algumas dificuldades responsáveis por interferir no

processo de ensino-aprendizagem de Inglês. Dito isso, o objetivo geral deste estudo é propor uma reflexão a respeito das principais dificuldades enfrentadas no processo de ensino-aprendizagem de Inglês como LE nas escolas. A partir da necessidade de entender as reais dificuldades evidenciadas no ensino, buscaremos especificar a construção de um caminho para a elaboração de aulas baseadas em trocas de experiências úteis e enriquecedoras para a comunidade escolar.

São objetivos específicos deste estudo: 1) relatar a importância da língua e metodologia como facilitadoras na aquisição da língua inglesa para buscar compreender algumas possibilidades a serem utilizadas no ensino de LE; 2) discutir as dificuldades dos alunos em gostar de Inglês no âmbito escolar, refletindo sobre os reais obstáculos no ensino de línguas; e 3) mobilizar um debate sobre a importância de desenvolver a curiosidade do aluno pelo idioma, evidenciando o que Freire (1996) defende como facilitação da aprendizagem.

A partir das experiências de regência no PRP para a realização do nosso estudo adotamos como metodologia principal o levantamento bibliográfico de caráter exploratório, ao notar que existem maiores dificuldades a serem consideradas quando se trata do ensino de Inglês no âmbito escolar. Conforme Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material previamente elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos. Buscaremos realizar uma análise sobre os diferentes pontos de vistas que influenciam o ensino-aprendizagem de Inglês como LE nas escolas, tendo em vista que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45).

Ao utilizar uma abordagem qualitativa, o enfoque é descrever e analisar os diferentes métodos de ensino utilizados em sala de aula com os estudantes, pois, “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2009, p. 53). Utilizaremos o método hipotético-dedutivo considerando que “a observação não é feita no vácuo”. Ela “tem papel decisivo na ciência” e “toda observação é precedida por um problema, uma hipótese, enfim, algo teórico. A observação é ativa e seletiva, tendo como critério de seleção as “expectativas inatas” (MARCONI, 2003, p. 97), o que nos auxilia a compreender a importância de não trabalhar os métodos de ensino de Inglês de forma isolada, mas sim evidenciar a necessidade de explorar língua e metodologia em conjunto.

Partindo do pressuposto de que há uma problemática no processo da implantação do Inglês na sala de aula, aprofundaremos nossa discussão usando como referências os seguintes autores e materiais: Oliveira (2014), *Métodos de ensino de inglês: métodos, práticas e ideologias*; Leffa (1999), *O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional*; Leffa (2009), *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*; Lima (2009), *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas*; Marcuschi (2008), *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*; Paiva (2005), *Linguística aplicada e contemporaneidade*; Tamura (2006), *Concepts on the methodology of teaching English*; Nunan (2015), *Teaching English to speakers of other languages: an introduction*; Freire (1996), *Pedagogia da autonomia*; Freire (1987), *Pedagogia do oprimido*; Harmer (2007), *How to teach English*.

Dividiremos o trabalho da seguinte forma: inicialmente, temos a Introdução, que leva o leitor a compreender como foi realizada a pesquisa em conjunto com a metodologia, que explica o processo de construção de nossa pesquisa. Na segunda

seção, refletiremos sobre algumas dificuldades do Ensino de LE nas escolas, abordando o uso da língua e metodologias no contexto escolar. Posteriormente, organizamos a segunda parte em subseções com a finalidade de contextualizar alguns métodos relevantes na história do Ensino de Inglês e como o aluno pode desenvolver sua autonomia dentro e fora de sala de aula com acesso a um ambiente de acolhimento. Em seguida, abordamos os resultados e discussões mostrando a relevância das metodologias de ensino para nossa pesquisa. E, para finalizarmos, acrescentamos nossas considerações finais, bem como as referências teóricas que embasaram nosso estudo.

2 DIFICULDADES NO ENSINO DE LE

Diante das perspectivas de ensino em torno de uma Língua Estrangeira, podemos entender a LE como uma questão cultural. Segundo Dakowska (2005), a evolução das ideias acerca do ensino de LE mostra o progresso da compreensão da língua, o seu uso e o aprendizado sobre variação linguística. Dakowska (2005) também reflete sobre o progresso da civilização e como os meios de comunicação e transporte se fizeram e fazem cada vez mais presentes, bem como menciona o surgimento de demandas sociais que buscam por falantes competentes em uma LE.

Para refletirmos sobre o ensino de LE, utilizamos o Inglês em sala de aula, para isso precisamos entender que existem dificuldades a serem consideradas e superadas desde a formação do profissional – uso da língua – até questões metodológicas com os alunos. Leffa (2001) aponta que não é somente uma questão isolada, mas política que interfere diretamente na aquisição e ensino de línguas no ambiente escolar. Por isso é necessária

A formação de um profissional competente nessas duas áreas de conhecimento, língua e metodologia, na medida que envolve a definição do perfil desejado pela sociedade, é mais questão política do que acadêmica. A sala de aula não é uma redoma de vidro, isolada do mundo, e o que acontece dentro da sala de aula está condicionado pelo que acontece lá fora (LEFFA, 2001, p. 334).

Observamos que a formação de um profissional competente engloba diversas questões. Porém, é necessário enxergar além da implantação de um método de ensino de Inglês de forma independente e não somente ensinar a língua Inglesa sem um objetivo inicial para os alunos. Diante da desmotivação de alguns estudantes diante das aulas oferecidas, há a necessidade de “prender a atenção” dos alunos por meio de experiências marcantes, incentivando-os a interagir com os colegas e professores. Pensar no ensino com a perspectiva de interação em sala de aula beneficia o ensino e aprendizagem da língua. Vejamos o que Leffa (2001) reflete a respeito:

Cada vez mais a execução de uma tarefa depende da interação com os outros. A própria inteligência, que sempre foi vista como uma característica individual, passa a ser vista como uma característica social, distribuída entre os participantes de um determinado grupo, quer seja um time de futebol, a equipe da Nasa que enviou o homem à lua ou os responsáveis pela produção de um automóvel (LEFFA, 2001, p. 337).

Segundo Oliveira (2014), para a elaboração de uma boa aula de inglês é necessário um conhecimento prévio sobre o embasamento teórico responsável pela construção da aula. Da mesma forma, é indispensável evidenciar os caminhos para

auxiliar o aluno a aprender uma LE, não somente destacando o ensino, como os principais pontos para a elaborar a aula, pois o ensino de línguas é um processo em construção. Desse modo, é necessário entender as fases desse processo de amadurecimento do ensino.

Possuir o domínio do Inglês não é o bastante, é preciso que haja entendimento sobre a metodologia que mais se adequa à realidade de uma determinada sala de aula, uma vez que existem realidades bastante diversas no contexto educacional brasileiro de ensino. Diante da formação de professores de Inglês no Brasil, existem alguns pontos fundamentais a serem implantados para que se obtenha um profissional competente e eficaz na vida de seus alunos. Em concordância com o pensamento de Leffa (2001), observamos que

A formação de um professor de línguas estrangeiras envolve o domínio de diferentes áreas de conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina, e o domínio da ação pedagógica necessária para fazer a aprendizagem da língua acontecer na sala de aula (LEFFA, 2001, p. 334).

Precisamos não apenas possuir conhecimento sobre a língua, mas também compreender os caminhos para utilizar boas fontes teóricas e práticas que podem auxiliar no planejamento prévio do professor e, depois, ao sugerir os conteúdos para a classe, analisando quais são as propostas relevantes que contribuirão para o desenvolvimento de atividades que atendam ao objetivo dos alunos. O grande problema é que alguns professores de Inglês ainda negligenciam o conhecimento sobre teorias e práticas que servem como embasamento, isso afeta a criação de uma aula lógica e bem estruturada. Com isso, podemos observar o que a decisão de ministrar uma aula sem base teórica ocasiona

A falta de interesse em teorias é algo problemático, pois tende a levar o professor a tomar decisões didáticas sem um embasamento teórico mínimo que garanta uma lógica para o que decide fazer e não fazer em sala de aula (OLIVEIRA, 2014, p. 22).

Como vimos, a falta de preocupação em buscar teorias que auxiliem positivamente no planejamento de uma aula causa alguns problemas, uma vez que é por meio da leitura de bons materiais que se conhece o que pode ser testado em sala de aula. Harmer (2007, p. 52) relata a importância dos professores estudarem sobre assuntos a serem utilizados na prática, pois esses auxiliam na construção do conhecimento dos estudantes. Uma aula não é desenvolvida para os estudantes com base, unicamente, em conhecimentos sobre o Inglês ou na intuição.

Ensinar Inglês em sala de aula regular não deveria ser trabalhar o idioma Inglês a todo instante, sem um objetivo central, esquecendo da possibilidade de observar como os alunos lidam com a metodologia escolhida para a aula. Ensinar é buscar formas que possam auxiliar diretamente na compreensão das aulas, incentivando a pesquisa prazerosa do idioma dentro e fora da sala de aula; pois, “sempre que ensinamos algo, estamos motivados por algum interesse, algum objetivo, alguma intenção central, o que dará caminho para a produção tanto do objeto como da perspectiva” (MARCUSCHI, 2008, p. 50-51).

Notoriamente, o processo de amadurecimento do ensino de Inglês no contexto da prática de ensino se caracteriza por fases ou, até mesmo, pelo ponto de vista individual de cada profissional. Contudo, para evidenciar esse quesito, é necessário enfatizar a utilização de ideias que giram em torno do aprendizado de cada aluno. Desse modo, trazemos as duas maneiras que concebem o ato de

ensinar como transferência de conhecimento e facilitação da aprendizagem. Vejamos o conceito de transferência de conhecimento segundo Oliveira (2014):

Conceber o ensino como transferência de conhecimento tem uma implicação séria para a prática pedagógica: subestimar a capacidade cognitiva do estudante, que é visto como um ser passivo no processo de ensino-aprendizagem. Nesse processo, o professor (o ser ativo, o agente) supostamente transfere conhecimentos ao estudante (o ser passivo, o paciente) cuja função é apenas absorver os conhecimentos do professor (OLIVEIRA, 2014, p. 23-24).

Em conformidade com o pensamento de Freire (1996), a ideia de que o professor transfere conhecimentos ultrapassa os ideais de que o aluno tem raciocínio próprio, não levando em conta sua capacidade de desenvolver pensamentos e trazer consigo uma bagagem de conhecimento, colocando o professor como agente ativo e o aluno como agente passivo dentro do contexto de aprendizagem, deixando de lado a capacidade de autonomia desenvolvida por cada pessoa. Assim, como Paiva (2005) aponta,

Por ignorar o papel da autonomia do aprendiz, os vários métodos de ensino geraram propostas e explicações lineares sobre o processo de aprendizagem, sem levar em conta que o ser humano é sempre o mediador de sua aprendizagem, mesmo quando seu grau de autonomia é mínimo (PAIVA, 2005, p. 139).

Por outro lado, ainda dialogando com o pensamento de Freire (1996), temos a facilitação da aprendizagem na qual o professor não transfere, mas media o processo de aprendizagem do aluno; há mais oportunidades para o aluno expor seus pensamentos e diferentes pontos de vista acerca dos assuntos trabalhados em aula. Dessa forma, “facilitar a aprendizagem significa contribuir para a criação de uma atmosfera afetiva (emocional e psicológica) positiva na sala de aula” (OLIVEIRA, 2014, p. 25).

Freire (1996) reflete sobre o professor não ser detentor de todo saber porque um dos principais pontos a serem trabalhados no contexto educacional é a desconstrução da ideia de que o professor é detentor de todo o conhecimento ou o único responsável pela interação dentro da sala de aula. Tal desmitificação faz-se necessária a partir do momento que o estudante possui diversas opiniões e tem livre acesso para expô-las à comunidade escolar, possibilitando uma troca de experiências válidas para o crescimento de cada aluno.

Para estudarmos a questão da implantação das metodologias de ensino de Inglês, separamos subseções que abordam alguns métodos responsáveis pelo ensino e aprendizado de idiomas ao longo dos anos e até os dias atuais. A seguir, podemos perceber que a língua-alvo e os métodos tornaram-se um ponto de transformação no processo dos estudos de Inglês como LE.

2.1 Métodos do Ensino de Inglês

Mediante as diversas metodologias utilizadas no ensino de línguas, observamos que utilizar o método adequado pode possibilitar o acesso a novas experiências no idioma, uma vez que “o método nasce de um conjunto de premissas (regras) que definem uma teoria, sejam elas linguísticas, de aprendizagem ou do próprio paradigma científico em que essa teoria se define.” (BOHN, 2009, p. 171). Rodgers (2001) relata que o período de 1950 a 1980 foi considerado como a “Era

dos métodos”, em razão das várias propostas prescritas voltadas ao ensino de línguas.

Por muito tempo a pedagogia valorizou o que deveria ser ensinado, supondo que, como decorrência, estaria valorizando o conhecimento. O ensino, então, ganhou autonomia em relação à aprendizagem, criou seus próprios métodos e o processo de aprendizagem ficou relegado a segundo plano (BRASIL, 1998, p. 71).

Segundo Tamura (2006), no ensino de LE é papel do professor pensar em oferecer qualidades específicas que auxiliem os alunos de uma determinada língua materna a evoluir nos estudos. Assim sendo, faremos um breve levantamento de alguns dos métodos mais relevantes para o ensino de Inglês durante o processo de ensino-aprendizagem de LE, o que nos ajudará a entender como o ensino de línguas foi desenvolvido no decorrer dos anos.

2.1.1 Método de Gramática e Tradução

Ao considerarmos a história do ensino de línguas é válido ressaltar que o colonialismo e imperialismo estão relacionados a uma dominação cultural que permeia o ensino de LE no Brasil desde a sua implantação nos diversos lugares. Segundo Oliveira (2014), houve uma inserção da língua do dominador na vida dos dominados. Leffa (1999) nos apresenta uma visão histórica, buscando demonstrar a ordem em que as línguas começaram a ser implementadas nos currículos. Dessa forma, podemos enxergar que existiram fases de evolução no contato e ensino das línguas. Para o autor,

Deixando de lado os primórdios da catequização dos índios, quando o próprio português era uma língua estrangeira, e começando com as primeiras escolas fundadas pelos jesuítas, pode-se dizer que a tradição brasileira é de uma grande ênfase no ensino das línguas, inicialmente nas línguas clássicas, grego e latim, e posteriormente nas línguas modernas: francês, inglês, alemão e italiano (O espanhol só muito recentemente, considerando a perspectiva histórica, foi incluído no currículo) (LEFFA, 2001, p.15).

Pensar no ensino de LE é englobar diferentes formas de possibilitar o contato do aluno com o idioma estudado. Porém, no início dos estudos dessas línguas, foi necessária a utilização de métodos que auxiliassem o desenvolvimento do aluno. O ensino de LE foi desenvolvido a partir da necessidade que os professores tinham de tornar as informações acessíveis para seus alunos. Assim sendo, o uso da tradução, estudo de vocabulário e estruturas sintáticas deu origem ao primeiro método de ensino, o método de gramática e tradução e

A lógica que permeava a cabeça dos professores que adotavam o método de gramática e tradução era bem clara: se um dos objetivos do ensino de línguas estrangeiras é levar o estudante a se tornar um leitor fluente, então a melhor forma de se atingir esse objetivo é por meio do estudo das estruturas gramaticais da língua estrangeira e da tradução dos textos em língua estrangeira para a língua materna e da tradução dos textos em língua materna para a língua estrangeira (OLIVEIRA, 2014, p. 76).

O método de gramática e tradução não visa a explorar a comunicação entre os alunos, pois foca diretamente na utilização de estruturas gramaticais e vocabulário, objetivando aprimorar as habilidades tradutórias. Segundo Tamura

(2006), o método de gramática e tradução dominou os estudos de línguas estrangeiras por mais de 300 anos, o que abriu espaço para alguns questionamentos.

Oliveira (2014) questiona que no método de gramática e tradução não existe espaço para a prática da oralidade em sala de aula, pois a língua materna é utilizada por ambos, professor e aluno. Assim sendo, as habilidades de fala e compreensão não são os alvos da aquisição do idioma, pois tudo é traduzido. Contudo, observamos que, com o tempo, surgem discordâncias e necessidades de inovação, o que incentivou o uso de um novo método.

Nunan (2015) aponta que o método de gramática e tradução foi alvo de críticas durante a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, e a principal crítica era que, através de seu uso, muito se sabia sobre a língua-alvo e pouco sabia sobre a comunicação através da mesma. Por conseguinte, observamos que, ao se tornar motivo de debates, surgiu uma nova luta em prol da inovação das metodologias de ensino. Vejamos como as continuidades dos métodos formam um novo método que explora outras habilidades dos aprendizes.

2.1.2 Método direto

Com a proposta de mudança no ensino de línguas, surgiu o método direto como forma de inovar no desenvolvimento da aprendizagem. Tamura (2016, p. 173) expressa que a utilização desse método excluía completamente a utilização da tradução, focando principalmente em explorar a intuição direta, representação por meio de desenhos e palavras em inglês associadas à imagens. Ao contrário do método de gramática e tradução, que utiliza a língua materna para o entendimento dos alunos, o método direto promovia o uso da língua-alvo, preferindo fugir da ênfase colocada na tradução e gramática.

A ideia de trabalhar somente a língua-alvo está relacionada com a necessidade de aprender através de um contato direto com o idioma e ligação imagética. “Essa conexão direta é semelhante ao que ocorre na aquisição da língua materna, na qual a criança e as pessoas ao seu redor naturalmente usam apenas a língua materna” (OLIVEIRA, 2014, p. 81). Contudo, a associação das palavras a imagens possibilita uma criação de memórias relacionada a um contexto situacional, abrindo mão de aprender a língua estudando somente regras sintáticas.

Em vez de ênfase na memorização do léxico e de regras sintáticas descontextualizadas, temos um diálogo situacional, que sugere ênfase no cotidiano; em vez da dedução, indo da regra para o exemplo, temos a indução, sugerida pelo uso do diálogo, que parte do exemplo para depois levar para a regra; em vez do texto literário, com exercícios de tradução, temos um texto que tenta caracterizar o dia-a-dia das pessoas, com mais probabilidade de ser recitado e dramatizado do que copiado e traduzido (LEFFA, 2012, p. 396).

A semelhança entre o aprendizado da língua materna de uma criança é associada ao contato direto com as palavras e expressões em questão. No entanto, refletir sobre o método direto nos leva a considerar diversas questões pedagógicas pertinentes no processo de ensino-aprendizagem de idiomas. A seguir veremos a relação que Leffa (2012) faz entre o método direto e o método da tradução.

O Método Direto, em relação ao da Tradução, lembra de certo modo o negativo das fotos pré-digitais, não só por mostrar a foto ao contrário, mas

também por ser mantido tipicamente oculto no fundo escuro de alguma gaveta, ao contrário da foto que, depois de revelada a partir do negativo, era exposta na moldura (LEFFA, 2012, p. 396).

A partir da necessidade de explorar a capacidade imagética dos aprendizes, o método direto foi relacionado à utilização de recursos visuais como auxílio, na medida que será automaticamente alvo de memórias na mente de quem estuda, ao contrário do que estiver apenas escrito, assim como é enfatizado no método de gramática e tradução. Contudo, “[...] o uso de recursos visuais e de linguagem não verbal na sala de aula é eficaz na maioria das vezes” (OLIVEIRA, 2014, p. 83).

2.1.3 Abordagem oral

A abordagem oral começou a ser utilizada por alguns profissionais que viam a necessidade de considerar o conhecimento prévio dos alunos, enxergando o aprendizado de idiomas não como um contato direto apenas com a língua-alvo, mas como uma oportunidade de enxergar sua capacidade de fala para praticar o idioma. Diante da proposta do método direto, começaram a surgir novas possibilidades de estudar o Inglês, dessa vez, focando na habilidade oral dos estudantes.

Alguns linguistas aplicados britânicos se inspiraram no método direto para propor algo novo: a sistematização teórica do ensino de inglês com vistas ao desenvolvimento da habilidade oral dos estudantes. Foi assim que surgiu a abordagem oral, ainda hoje desconhecida de muitos professores de inglês no Brasil. Apesar desse desconhecimento, ou talvez por isso mesmo, vale a pena vermos um pouco dessa abordagem (OLIVEIRA, 2014, p. 89).

Tamura (2006, p. 174) menciona que o método direto recebeu vários nomes conforme foi evoluindo, dentre eles, o método oral. Inicialmente, analisar a abordagem oral é considerar alguns princípios que formam o método direto. Oliveira (2014) relaciona algumas características entre as duas metodologias de ensino, referindo-se à maneira como aprendemos uma nova língua:

O primeiro princípio, que é semelhante a um dos princípios do método direto, justifica o nome da abordagem: oral. A lógica subjacente a ele é a de que as pessoas aprendem uma língua estrangeira de maneira similar à maneira como aprendem a sua língua materna: primeiro, as pessoas ouvem e falam; depois leem e escrevem (OLIVEIRA, 2014, p. 92).

O conceito interpretado por Oliveira (2014) está ligado ao que se refere à aprendizagem da língua materna. Enquanto o método direto direciona seu maior aproveitamento a aprender a língua-alvo como uma criança aprende sua língua materna, a abordagem oral visa a utilizar fundamentos semelhantes, acrescentando os conhecimentos do aluno e a inserção de cada estudante no contexto social.

2.1.4 Método audiolingual

A partir da abordagem oral, origina-se o método audiolingual, que possui como objetivo desenvolver habilidades orais na língua-alvo e inserir um sistema de repetição para a aquisição da língua estudada. “Nesse método o objetivo principal é capacitar o aluno a comunicar-se oralmente na língua estrangeira com um nível de proficiência semelhante ao de um falante nativo” (OLIVEIRA, 2014, p. 95).

No trabalho com este método “os diálogos e exercícios formam a base da prática audiolingual na sala de aula” (RICHARDS & RODGERS, 1986, p. 53). No entanto, “o método audiolingual está formalmente sedimentado na teoria estruturalista e behaviorista da aprendizagem” (OLIVEIRA, 2014, p. 95) baseado no estímulo-resposta fazendo uso de estruturas decoradas. A partir desse apontamento, Nunan (2015, p. 9) reflete sobre o acolhimento do método pelo público, mostrando que na década de 1970 o audiolingualismo foi alvo de críticas por fazer uso de uma psicologia behaviorista que não correspondia aos aspectos da língua e aprendizagem de idiomas na época.

Diferentes dos demais métodos apresentados anteriormente, no método audiolingual “os diálogos são usados para repetição e memorização. Pronúncia correta, acentuação, ritmo e entonação são enfatizados” (RICHARDS & RODGERS, 1986, p. 53). Tendo em vista que a utilização da pronúncia se tornou importante no contexto da aprendizagem de línguas, mais uma vez enfatizamos que “a pronúncia dos sons na língua inclui acentuação, ritmo e entonação. Cada língua possui o seu sistema de pronúncia específico” (TAMURA, 2006, p. 184). Com isso, o método audiolingual destaca-se por trabalhar pronúncia e repetição em conjunto.

Notamos o quanto a necessidade de utilizar a língua para a comunicação se fez presente quando Oliveira (2014, p. 95) explica que um período marcante para o método audiolingual teve lugar durante a Segunda Guerra Mundial ao surgir o interesse pelo aprendizado de LE, devido a falta de militares que pudessem se comunicar em Inglês. Assim sendo, os Estados Unidos precisavam de um pensamento estratégico para lidar com os conflitos, passando a enxergar a relevância de aprender as línguas faladas nos países envolvidos na guerra. Desta forma, o método audiolingual foi implantado e tornou-se conhecido em muitos locais do mundo.

2.2 O Ensino de LE e a questão da autonomia

Despertar a curiosidade e autonomia do estudante é um posicionamento crucial no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, não somente para a conclusão de mais uma disciplina da escola, mas como parte da formação de um ser humano curioso e autônomo em suas atividades fora da sala de aula. “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 1996, p. 13). Destarte, aprofundar os conhecimentos com o objetivo de entender que uma aula vai além de considerar apenas o ensino da língua, e passar a enxergar a aprendizagem como base para a troca de experiências entre professor e aluno passa a ser considerado como algo de relevância.

A autonomia é parte importante do processo de aprendizagem, pois é ela que faz com que o aprendiz seja o agente de sua própria aprendizagem e não um objeto que se plasma de acordo com as imposições dos métodos e do professor (PAIVA, 2005, p.140). Existem questionamentos acerca do ensino de Inglês nas escolas que merecem ser aprofundados, pois há uma expectativa apenas no conhecimento que o professor tem a oferecer. Paiva (2005, p.150) reflete sobre a autonomia e a possibilidade de enxergar a problemática do ensino de Inglês como uma questão social.

Como já relatei, é recorrente o desejo dos alunos pelo uso da língua e a queixa de que um ensino centrado na forma não atende às suas expectativas. Se, por um lado, podemos culpar o professor por não dar ao

aprendiz um ensino de qualidade, por outro, não podemos deixar de ver ambos como vítimas das relações de poder (PAIVA, 2005, p. 150).

Analisar o ensino do Inglês como LE nas escolas é considerar quesitos além da responsabilidade do profissional que educa, intencionando destacar que há a possibilidade de outros profissionais, com cargos mais elevados, estarem interferindo diretamente na aplicação da metodologia de ensino comumente utilizada pelo professor. Portanto, as autoridades, escolas autoritárias e políticas educacionais ainda podem se fazer presentes no controle das aulas de inglês. Paiva (2005) reflete sobre essa questão em seu texto *Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem*.

Os interesses e desejos dos participantes afloram em seus textos e as questões de poder, apesar de não tão transparentes, estão latentes em muitas das narrativas: descaso das autoridades com a escola pública, escolas autoritárias, e política educacional e professores que impõem metodologias que não atendem aos alunos (PAIVA, 2005, p. 149).

Os educadores precisam buscar maneiras de incentivar os alunos a pensar certo diante do conhecimento obtido em sala de aula; sobretudo, contribuir para a formação de cada estudante; “percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo” (FREIRE, 1996, p. 14).

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 21).

O espaço criado para o ensino de LE não deve ser um local em que o professor é o detentor do conhecimento, mas sim um espaço para troca de experiências, desenvolvimento da autonomia e possibilidade de se expressar na língua-alvo. Portanto, continuaremos nossa discussão enfatizando a importância de incentivar a criação de um ambiente de ensino acessível que forneça acolhimento aos estudantes e desenvolva habilidades únicas em suas experiências.

2.3 Ambiente de Ensino e acolhimento

Antes de mais nada, analisar a construção de um ambiente de acolhimento aos estudantes relaciona-se com a proposta de incentivar professores e alunos a pensarem certo. O termo pensar certo “implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente” (FREIRE, 1996, p. 14). Desse modo, propõe-se um compromisso com a criticidade do aluno e atuação do professor partindo do pressuposto de que nenhum conhecimento é construído de forma automática.

Refletir que os alunos respondem a propostas de diferentes formas é o primeiro passo para buscar acolher níveis e realidades divergentes no âmbito escolar. Trabalhar atividades que demonstrem a capacidade dos estudantes representa o quanto um profissional deveria pensar mais no aluno do que na quantidade de conteúdos a serem cumpridos. “Entretanto, existem diferenças

marcantes, não apenas em termos de idade e nível, mas também em termos de diferentes habilidades, conhecimentos e preferências” (HARMER, 2007, p. 14).

Para construirmos um espaço de acolhimento não existe somente a busca pela solução de alguns problemas sociais, responsáveis, muitas vezes, pela exclusão do acesso ao Inglês em algumas comunidades, como também a possibilidade de enxergar o Inglês como uma realidade considerada inalcançável por estudantes de classe baixa. Ao notar que a permanência da desigualdade no ensino ainda é presente nas escolas, Freire (1987) relata que os oprimidos temem a oportunidade de acessar a liberdade:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões (FREIRE, 1987, p.22)

O Inglês foi considerado parte da classe dominante, na medida que foi necessário aprender a língua para que houvesse comunicação entre diferentes povos; todo esse pensamento “[...] resulta de um processo intenso de construção de valores ideológicos por parte das agências governamentais britânicas e estadunidenses. É um processo histórico atrelado ao imperialismo econômico da Inglaterra e dos Estados Unidos”. (OLIVEIRA, 2014, p. 60-61), assim sendo o que Freire (1987) considera como estrutura dominadora e oprimidos, relaciona-se à ideia implantada na sociedade de que o Inglês deveria ser restrito aos que possuíam bons recursos, porém, é direito dos oprimidos ter acesso à sua liberdade, deixando de lado as maiores repressões da sociedade.

Existem níveis de desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa que deveriam ser respeitados, visto que as idades dos alunos podem influenciar no momento de aquisição da língua. Harmer (2007, p. 14-15) menciona três fases diferentes do aprender que podem ser analisadas no ensino. São elas: crianças, adolescentes e adultos. Consideramos essas três fases, conforme tratadas pelo autor: para as crianças, focar no ouvir e no tocar são pontos importantes a serem inseridos na explicação de uma aula, tendo em vista que trabalhar regras gramaticais será menos efetivo elas, ainda que as crianças respondam bem à atenção individual fornecida pelo professor. Já os adolescentes podem falar sobre ideias ditas abstratas, pois possuem um desenvolvimento maior em relação às crianças. Por fim, temos os adultos que têm a capacidade de ser disciplinados e utilizar técnicas de aprendizagem de forma mais intensa e focada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este tópico tem como objetivo apresentar os resultados e discussões da nossa pesquisa, realizada a partir da análise da utilização das metodologias de ensino como facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem de Inglês como LE. No trabalho desenvolvido pelo PRP (2020) surgiu o apontamento de que o ensino enfrenta algumas dificuldades quando o tópico é estudar inglês, pois consideramos que a utilização de língua e metodologia devem ser trabalhadas em conjunto, ao identificar que a língua, de forma isolada, é ineficaz e não possui sentido, assim como os métodos não possuem importância quando trabalhados de forma estanque e incoerente com a realidade de cada estudante. Segundo Richards & Rodgers

(1986, p. 21), os métodos divergem ao considerar a língua e o assunto relevante, na medida em que o ensino de línguas deve ser organizado juntamente com os princípios usados no sequenciamento de conteúdo dentro de um curso.

Richards & Rodgers (1986, p. 24) defendem que o papel do professor e do aluno define o tipo de interação característica na qual determinado método está sendo utilizado na sala de aula. Ao compreender que há uma necessidade de interação dentro de sala de aula é totalmente possível motivar os alunos por meio de atividades atrativas, incentivando o desenvolvimento e participação nas aulas de Inglês. Com base nisso, a construção de uma aula utilizando bons materiais de estudo está diretamente ligada à proposta de comprometimento com o ensino, pois é imprescindível que um profissional se capacite na busca de evolução.

Partindo da variedade de propostas de ensino oferecidas nas teorias de ensino, entende-se que o ensino não é um ponto a ser trabalhado de forma individualizada, tendo em conta a formação de bons profissionais da Educação e priorizando a interferência de questões políticas no sistema escolar. “O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores” (FREIRE, 1987, p. 56).

É notório que o domínio de diferentes áreas por parte do professor auxilia diretamente na construção de um espaço de desenvolvimento do aluno, tendo como ênfase o acolhimento dos discentes. Formar bons professores de línguas deveria ser papel fundamental de diversas instituições, entendendo que há pontos positivos a serem destacados. A estrutura de uma aula torna-se importante à medida que a relevância do ensino de línguas vem à tona. Diante da diversidade de professores de línguas presentes no corpo docente, enxergamos a necessidade de prezar por uma aula lógica e planejada, desenvolvendo habilidades e competências necessárias para comunicação.

(...) deve-se ter muito cuidado com a noção de competência comunicativa que não se restringe a uma dada teoria da informação ou da comunicação, mas deve levar em conta os parâmetros mais amplos de uma etnografia da fala, uma análise das interações verbais, produções discursivas e atividades verbais e comunicativas gerais sem ignorar a cognição (MARCUSCHI, 2008, p. 55)

Portanto, as aulas não devem ser realizadas com base no conhecimento isolado da língua. Dessa forma, é necessário elaborar conteúdos coerentes e aplicar uma metodologia que atenda as reais necessidades da turma em questão, focando no uso da língua. Dispensar o uso da intuição deve ser uma decisão interessante, para que haja uma melhor compreensão das aulas, dado que o ensino de língua deveria ser visto como meio de possibilidades e construção de interação social e, com isso, incentivar a utilização da língua, influenciando no crescimento pessoal de cada estudante. A partir da proposta de interação entendemos o uso da língua como

Adotando-se esta última concepção - de língua, de sujeito, de texto - a compreensão deixa de ser entendida como simples "captação" de uma representação mental ou como a decodificação de mensagem resultante de uma codificação de um emissor. Ela é, isto sim, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução deste no interior do evento comunicativo (KOCH, 2011, p. 15).

É necessário entender a concepção de língua principalmente enquanto professores de LE, em razão do trabalho a ser desempenhado em sala de aula. O ensino merece receber profissionais dispostos a inserir a prática da autonomia e troca de experiências dentro e fora da sala de aula. A proposta de Freire (1996) nos apresenta o ensino não como transferência de conhecimento e enxergamos a sua elegibilidade, partindo do pressuposto que nenhum ser transfere tudo o que sabe para outra pessoa, do mesmo modo, vemos a relevância em conceber o ensino a partir da facilitação da aprendizagem. “A educação autêntica, repetamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele” (FREIRE, 1987, p.54).

Facilitar a aprendizagem é abrir novos caminhos para a troca de experiências entre o professor e aluno, é possível entendermos que “Daí que, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, (...)” (FREIRE, 1987, p. 53), pois é dispensável defender o pensamento de que o professor é detentor de conhecimento e construtor de saberes; tendo em vista que a educação não parte inteiramente da escola, cada estudante possui conhecimento prévio que precisa ser explorado no decorrer de sua vida escolar.

Entretanto, os métodos utilizados para o ensino da língua inglesa foram instituídos aos poucos, obtendo grande influência na história do ensino de línguas, pois, o processo de implantação de um método eficaz é um assunto a ser discutido com frequência, já que o ensino muda constantemente e os materiais de ensino precisam ser adaptados às diversas realidades presentes. Por isso,

As práticas atuais de ensino é o resultado direto de um argumento e discussão, e não apenas no tópico de aquisição e aprendizagem. Ambas as teorias e técnicas das práticas foram debatidas, entraram e saíram de moda, e influenciaram o que era e é incluído nas salas de aula e materiais de ensino (HARMER, 2007, p. 48)

Contudo, uma boa aula necessita do uso de aportes teóricos que embasam uma prática eficiente e assertiva, ao mesmo tempo que a língua e metodologia caminham juntas no processo de ensino-aprendizagem de LE. “Os objetivos são bastante abrangentes e requerem que o professor tenha uma formação acadêmica” (OLIVEIRA, 2009, p. 144). Desse modo, é válido ressaltar que os métodos de ensino podem ser implementados de acordo com o momento que ele possa ser inserido, considerando que o ensino de Inglês não deveria ser limitado apenas a uma metodologia, mas o trabalho do ensino poderia voltar-se a englobar metodologias que se adequem a cada realidade, provocando, assim, um ensino voltado ao público ao qual se destina. Para que haja um conhecimento de como ensinar, “o professor precisa ter não só o domínio da língua, mas também a consciência do significado de ensinar uma língua estrangeira” (OLIVEIRA, 2009, p. 144).

Assim sendo, o método de gramática e tradução, o método direto, a abordagem oral e o método audiolingual, citados em nossa pesquisa, não são dispensados na hora de refletirmos sobre as propostas de ensino de línguas; porém, explorá-los de forma única não é a proposta sugerida neste estudo. Sugerimos a análise aprofundada dos diferentes métodos para entender como eles podem auxiliar na troca de experiências dentro de sala de aula e facilitação da aprendizagem do idioma. No que se refere ao estudo dos métodos observamos que

Os diferentes métodos de ensino de línguas vêm vinculados a um conjunto de variáveis que se tecem na interdisciplinaridade (às vezes até da transdisciplinaridade, isto é, além das disciplinas), em que teorias linguísticas, psicológicas, psicanalíticas, sociológicas, para nomear algumas, marcam encontros com os estudos da linguística aplicada (BOHN, 2009, p. 172)

Para refletirmos como o acolhimento dos alunos poderia transformar as vidas dos alunos, passamos a enxergar o quanto é interessante observar a importância da organização de um ambiente de acolhimento às comunidades no espaço escolar. Desse modo, o espaço escolar torna-se um espaço de construção da autonomia porque a decisão de buscar estudar uma LE, muitas vezes, surge do incentivo e motivação transmitida através do ensino, preparação do professor e união da escola. Porém, é válido ressaltar que “o aluno desenvolver sua autonomia não significa que não precisará mais de um professor. Ao contrário, a criação de um centro por si só não tem a capacidade de tornar o aluno autônomo” (CRUZ, 2009, p. 66).

4 CONCLUSÃO

Por isso, diante das reais dificuldades apresentadas no ensino, tivemos como objetivo despertar a necessidade da construção de um ambiente de acolhimento aos estudantes de LE na escola regular; dessa maneira, enfatizamos a importância da criação de aulas baseadas em trocas de experiências úteis e enriquecedoras para toda a comunidade escolar. A sala de aula se apresenta, nesse contexto, como um espaço importante para a construção da autonomia e para o desenvolvimento do estudante. Com isso, o profissional da educação é colocado como mediador do conhecimento, tendo em vista que os alunos possuem conhecimento prévio que pode e deve ser explorado e considerado relevante.

Consequentemente, partindo do pressuposto de que a mediação do conhecimento requer a utilização de uma proposta que atenda as necessidades dos alunos, estudamos a importância da língua e metodologia como principais facilitadoras do processo de aquisição da língua inglesa, dado que compreender algumas possibilidades a serem utilizadas no ensino de LE nos mostra o quanto facilitar a aprendizagem é necessário, ao mesmo tempo em que torna-se imprescindível ter conhecimento dos diferentes métodos de ensino de línguas que possivelmente podem ser trabalhados em conjunto dentro de sala de aula. Contudo, refletimos sobre a maior atenção que deveria ser dada a formação profissional do professor de línguas e como uma má formação pode causar interferência direta ou indireta no processo de ensino-aprendizagem de LE.

Buscamos, também, discutir algumas dificuldades que alunos apresentam em gostar de Inglês nas escolas, devido aos obstáculos presentes no ensino de línguas. Muitas vezes, a falta de incentivo é uma problemática no desenvolvimento dos alunos. No entanto, no decorrer desta pesquisa mostramos como professores podem levar sua contribuição organizando um local que acolha as diferentes realidades presentes na sociedade. Por conseguinte, analisamos a influência que o Inglês tem na vida dos estudantes e como sua implantação se fez presente no ensino de línguas.

Portanto, debater sobre a importância de desenvolver a curiosidade do aluno em relação ao idioma é uma forma de abrir caminhos para o incentivo ao aprendizado de LE. Logo, a proposta de desenvolvimento da língua e metodologia a serem implantadas no ensino está relacionada à adequação da utilização das

diferentes metodologias de ensino como processo de ensino-aprendizagem de LE, possuindo como finalidade possibilitar um interesse pela busca do idioma, independente do local em que os alunos estejam inseridos.

O presente estudo apresenta uma análise preliminar acerca da implementação de metodologias de ensino no processo de ensino-aprendizagem do Inglês como LE e, ao vivenciar uma experiência como bolsista no PRP, surgiram questionamentos que auxiliaram na construção dessa pesquisa, por isso, é relevante considerar que estamos suscetíveis a constantes mutações que, eventualmente, possam surgir, tendo em vista que este é um trabalho inicial sobre as diferentes possibilidades que poderiam ser inseridas no contexto educacional atual, visto que a pesquisa surgiu através da experiência vivenciada no PRP-CAPES que teve início em 2020. Diante disso, abrimos espaço para realização de um aprofundamento das presentes teorias e propostas desenvolvidas no decorrer da pesquisa, que podem acontecer por meio de outros estudos, tais como pesquisas de Mestrado e Doutorado.

REFERÊNCIAS

- BOHN, H. I. *O método “soberano” para o ensino e aprendizagem da língua inglesa*. In: LIMA, D. C. de. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 169-178.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB. 9394/1996.
- CRUZ, G. F. da. **O papel do centro de aprendizagem autônoma de línguas estrangeiras no desenvolvimento da autonomia dos alunos de letras**. In: LIMA, D. C. de. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 59-68.
- DAKOWSKA, Maria. **Teaching English as a Foreign Language: A Guide for Professionals**. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe Pwn, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- HARMER, Jeremy. **How to teach English**. 4. ed. China: Pearson Logman, 2007.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Concepções de língua, sujeito, texto e sentido**. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 13-20.

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional.** Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LEFFA, V. J. *Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras.* In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão.** Pelotas, v. 1, p. 333-355, 2001.

LIMA, D. C. de. et al. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003, p. 97.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OCEM. **Linguagens, códigos e suas tecnologias.** In: *Orientações curriculares para o ensino médio.* Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. Brasília, v.1, p. 239, 2006.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Métodos de ensino de inglês.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

OLIVEIRA, A. P. de. **Abordagens alternativas no ensino de inglês.** In: LIMA, D. C. de. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 141-149.

PAIVA, V.L.M.O. *Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem.* In: FREIRE, M.M; ABRAHÃO, M.H.V; BARCELOS, A.M.F (Orgs.). **Linguística Aplicada e Contemporaneidade.** Campinas e São Paulo: Pontes e ALAB, 2005. p. 135-153

RODGERS, T. **Language Teaching Methodology.** Online Resource: Digests. Issue Paper, 2001

RICHARDS, Jack C. RODGERS, Theodore S. **Approaches and methods in language teaching.** United States of America: Cambridge University Press, 1986.

TAMURA, Elena Taralunga. **Concepts on the methodology of teaching English.** The Economic Journal of Takasaki City University of Economics, v. 48, n. 3, p. 169-188, 2006.

NUNAN, David. **Teaching English to speakers of other languages: An introduction.** Routledge, 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças e discernimento nos momentos mais difíceis do curso, do início ao fim, pois foram nos dias mais desafiadores que percebi que a minha fé estava presente.

À minha família, tias/tios, primas/primos, que estiveram ao meu lado direta/indiretamente me ajudando a recarregar as minhas energias para continuar seguindo firme. À minha avó e ao meu avô que me se tornaram a base de toda a minha família.

Dedico essa conquista às duas pessoas que são os amores da minha vida, Maria Luciene e Valdir, que se entregaram junto comigo ao meu sonho de concluir o curso. Minha mãe e meu pai são sinônimos de amor e cuidado, pois sempre me ajudaram a ser uma pessoa melhor para o mundo elevarei esses ensinamentos comigo para onde eu for.

Ao meu primo Adeilson, que com sua história de vida me incentivou e incentiva a lutar pelos meus sonhos. Não esqueço que o seu apoio foi essencial para que eu não duvidasse de que para cada esforço na vida existe uma finalidade. Com isso, consegui encontrar um motivo para persistir nos meus objetivos de vida.

As melhores amigas e companheiras de curso que conheci na vida, Josefa Beatriz (Bia) e Clara Catarina (Cat), por terem se tornado os combustíveis da minha vida acadêmica. Elas tornaram a minha vida mais leve e única. Sem dúvidas, o apoio e as risadas que demos foram essenciais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional e eu nunca esquecerei disso.

Às/aos professoras/es que me mostraram o quanto ensinar transforma a vida de alguém; Cito alguns exemplos de excelentes profissionais Auricélio Fernandes, Ana Carolina Dias, Dione Dantas, Ivna Karinne, que através da mensagem transmitida dentro de sala de aula foram responsáveis por me incentivarem a persistir e finalmente encontrar um real motivo para continuar me aprimorando cada vez mais.

Às amigas que tenho dentro e fora da universidade, que também contribuíram com todo apoio emocional, me incentivando e mostrando que sou capaz de conquistar tudo o que almejo com determinação.

À tia Ivna, que me auxiliou com a minha pesquisa me mostrando o quanto escrever pode ser mais leve. Serei eternamente grata por sua vida na minha e toda a sua contribuição.

Ao Programa de Residência Pedagógica (PRP), que me permitiu o contato com a sala de aula e a oportunidade de desenvolver essa pesquisa sobre os métodos de ensino.

Aos professores Jackson Barbosa e Willian Sousa, por terem aceitado fazer parte da banca examinadora.

À orientadora Marcela Freitas, por ter aceitado o meu pedido para orientar o meu trabalho, foi uma fase importante da minha vida.